Revista Tecnologias na Educação-ISSN: 1984-4751 – Ano 12 -Vol.34- Dezembro/2020

Ensino de História para alunos com patologia de dupla excepcionalidade em contexto de pandemia

Caroline da Costa Prudêncio da Gama[1]

Diego Soares Bertuci[1]

Giovanna Dias Blanco Sanches de Souza[1]

Viviani Anaya[2]

RESUMO:
O presente artigo procura explicar as características de pessoas com a patologia de Dupla Excepcionalidade, buscando expor opções didáticas adequadas para o ensino de História, a partir de uma realidade pedagógica que favoreça o desenvolvimento desses estudantes, especialmente no momento atual, causada por um contexto pandêmico, alterando as relações sociais, bem como os processos pedagógicos.

Palavras-chave: Dupla Excepcionalidade. História. Ensino. Gamificação. Pandemia.

1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar as principais questões que norteiam a aprendizagem de alunos com Dupla excepcionalidade, a partir do viés sociocultural, destacando a importância das mobilizações culturais, políticas e sociais que geram o ensino para esses alunos. Vemos esse trabalho como uma forma de demostrar como o ensino de História e a aplicabilidade de metodologias ativas influenciam esses alunos a se desenvolveram de maneira igualitária.

Neste processo, faz-se indispensável reconhecer o outro em toda sua complexidade, em suas esferas biológicas, sociais, culturais, afetivas, linguísticas, entre outras. Nesta perspectiva, a educação promove o diálogo entre o conteúdo e a subjetividade do processo, composto pelas vivências históricas baseadas nas vivências dos alunos que em suas experiências são levadas em conta, principalmente, pelo fato de existirem questões externas para o aprendizado.

---

[1] Estudantes do curso de História, Universidade Veiga de Almeida;
[2] Doutora em Educação pela PUC-SP, Professora do curso de Pedagogia, Universidade Veiga de Almeida.

Dito isso, é preciso entender que a escola precisa refletir sobre esses aspectos e modificar suas atividades político-pedagógicas na tentativa de oferecer uma educação que atenda às necessidades dos alunos e da sociedade, com a intenção de superar esse processo de exclusão destas crianças e jovens. A escola tem o papel fundamental de garantir um ensino de qualidade a todos os seus alunos e possibilitar o acesso ao saber sistematizado, pois somente desta forma, será possível uma transformação social.

Medidas devem ser tomadas para amenizar as questões que geram os preconceitos em sala de aula, promovendo iniciativas de como avaliar os alunos de forma qualitativa e não em quantidade, propiciando a estes um acompanhamento mais próximo. Com isso seria possível dar mais tempo aos que tem dificuldade e aos demais alunos, mostrar a capacidade de ajudar o próximo e evidenciar a complementação didática e essencialmente um auxílio que inclua a todos nos setores escolares, corpo docente e discente.

Cabe salientar que, a partir de interações e incentivos para com os alunos, busca-se um maior reconhecimento e desenvolvimento de seus trabalhos. A utilização de uma linguagem mais próxima facilitaria o entendimento dos conteúdos estudados, possibilitando ao professor desenvolver um trabalho mais claro sobre as disciplinas e problemas abordados em aula, garantindo, não raro, melhoria da qualidade do ensino ofertado.

2. Conceito e características

A chamada "dupla-excepcionalidade" é a situação apresentada quando uma pessoa possui Altas Habilidades e Superdotação que é uma condição na qual o indivíduo possui três traços bem marcantes, que são: a capacidade acima da média, criatividade em alto nível e grande envolvimento com a tarefa (AZEVEDO; METTRAU, 2010). No caso da dupla-excepcionalidade (AH/SD) esta condição é somada com outra patologia, podendo ser, por exemplo, Síndrome de Asperger (SA), o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e o Transtornos de Aprendizagem (TA) (ALVES E NAKANO, 2015). Identificar tais situações em geral é uma tarefa bem complicada porque as características de ambas patologias se misturam, uma das mais difíceis é quando a dupla excepcionalidade se trata da superdotação juntamente com o (TDAH), pois há um conflito de ideias até mesmo nos meios acadêmicos e profissionais (PFEIFFER, 2015), uma vez que as características de superdotação são equivocadamente interpretadas como sintomas somente de TDAH (OUROFINO; FLEITH, 2005).

Para entendermos a melhor maneira de lidar com um aluno com dupla-excepcionalidade e até mesmo para facilitar a identificação dessa situação, devemos conhecer as características dos casos. A Síndrome de Asperger é muito parecida com o conhecido autismo, todavia, o que os diferencia é a intensidade dos sintomas. A síndrome de Asperger é considerada uma representação mais branda do autismo. A pessoa que possui a síndrome de Asperger apresenta um prejuízo em sua interação social, no entanto, esses sinais não representam deficiências clinicamente significativas (KLIN, 2006). Assim, é difícil identificar um sujeito com dupla-excepcionalidade, pois as características das duas condições se misturam e se camuflam. Segundo Neihart (2000), um super dotado com síndrome de Asperger apresenta uma dificuldade e fala desconexa, que um super dotado puro não possui; para além, essa combinação de patologias diferencia quem a tem dos que apresentam só super dotação, causando um apego à rotina e uma falta de noção que é diferente da maioria das outras pessoas. (REZENDE; FLEITH; E ALENCAR, 2016).

Outra cominação de patologias é a de superdotação/altas habilidades, combinada com o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. O TDAH tem como suas principais características, causar em seus portadores a desatenção, falta de concentração e foco (principalmente por muito tempo em uma única atividade), impulsividade e agitação motora (ROHDE; BARBOSA; TRAMONTINA E POLANCZYK, 2000). É comum pessoas com TDAH e AH/SD apresentarem uma fala acelerada, serem impulsivos, tenderem a misturar a realidade com o imaginário, fato que também os torna bastante criativos; sentem dificuldades para se acostumar com novos lugares e novas rotinas. Esses individuas, também, podem possuir problemas de comportamento e, em geral, são bem curiosos, inclusive com os conteúdos escolares (ALVES E NAKANO, 2015).

A última combinação de patologias com AH/SD, abordada nesse texto, é relacionado ao Transtorno de Aprendizagem. Essa patologia causa em seus portadores dificuldades na aprendizagem de conteúdos acadêmicos e um certo atraso de desenvolvimento (ALVES E NAKANO, 2015). De acordo com Baum (2004), os indivíduos com TA/AH/SD se dividem em três categorias: a primeira, se relaciona a pessoas que são muito acima da média e apresentam pequenas dificuldades. O segundo grupo é composto por pessoas que suas habilidades e suas dificuldades são equivalentes, assim, a identificação de TA/AH/SD não se concretiza, e esses indivíduos são identificados como alunos medianos e "comuns". Por fim, o terceiro grupo são sujeitos que mostram, de forma expressiva, ambas as características, tanto as dificuldades,

quanto um desempenho acima da média, cada uma em diferentes áreas de conhecimento e aprendizado (ALVES E NAKANO, 2015).

É importante ressaltarmos que tais características citadas são as mais comuns, mas cada caso é único e possui aspectos variados; informações para identificação são importantes, mas o diagnóstico final e completo é complexo e realizado por diversos profissionais, como fonoaudiólogos, médicos e pedagogos (REZENDE; FLEITH; E ALENCAR, 2016).

3. Papel do professor e o Ensino de História

O papel do professor possui um grande peso na formação dos educandos e todos os desafios que o educador enfrenta, como desenvolver uma "práxis" para a realidade social, cultural e educacional, além de saber ser um mediador no processo de ensino-aprendizagem, maximizados em um contexto de educação inclusiva. O professor deve saber fazer o bom uso de seus conhecimentos teóricos e práticos para que a sua atuação seja feita de forma eficaz; para que a inclusão aconteça, deve-se respeitar as exigências da legislação, fundamentada pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, Declaração de Salamanca e Documento da Política Nacional de Educação Especial, numa Perspectiva de Educação Inclusiva. Essas declarações garantem a participação de alunos com necessidades educacionais especiais de obterem direitos no ensino regular.

A formação que o professor possui é extremamente importante, mas apenas esse fator não irá garantir que uma educação inclusiva ocorra de forma eficaz; são necessárias políticas públicas que façam mudar a forma como se enxerga o que é ser professor. É possível afirmar que muitos alunos que cursam licenciatura não pretendem ser professores de fato. Para além, ser professor extrapola a obtenção do diploma; deve haver um enorme compromisso com a educação. Saviani (2001), aponta que o papel do professor no processo de inclusão é de suma importância, já que ele é o mediador do processo de ensino/aprendizagem. Assim, o educador deve repensar o seu papel e o tamanho de sua importância durante o processo e o que ele pode fazer para que a inclusão seja realmente feita e da melhor forma possível.

Os professores precisam aprender a lidar em situações diversas e que desenvolva, sem exceções, o processo de ensino-aprendizagem, buscando, dentro de sala, dar o melhor de si e do seu trabalho para todos os alunos, tendo necessidades especiais ou não. O professor deve sempre favorecer a aprendizagem de todos os alunos envolvidos e conhecer todos os seus

educandos, bem como suas experiências e vivencias. De acordo com o MEC as adaptações no currículo são:

> [...] respostas educativas que devem ser dadas pelo sistema educacional, de forma a favorecer a todos os alunos e dentre estes, os que apresentam necessidades educacionais especiais: a) de acesso ao currículo; b) de participação integral, efetiva e bem-sucedida em uma programação escolar tão comum quanto possível. (BRASIL, 2000, p. 7)

O papel do professor, em contexto educativo, é permitir e facilitar a interação, bem como a troca de conhecimento entre eles, podendo contar com a ajuda dos próprios alunos para que seja feita uma inclusão de fato. Alunos com dupla excepcionalidade gostam de interagir, porém encontram dificuldades para realizar as atividades. Com o professor criando um ambiente de cooperação entre alunos com mais habilidade em determinada matéria com alunos com menos habilidade, cria-se um ambiente colaborativo, inclusivo e de ajuda mútua.

O ensino de História vai desempenhar um papel importante para que sejam realizados os processos inclusivos, entendendo que toda pessoa tem o direito de conhecer sua própria História e suas origens. Na Educação Especial e Inclusiva esse debate se torna mais urgente. Alunos que possuem deficiências, normalmente, são excluídos do processo de socialização e educacional, além de sofrerem com inúmeros preconceitos, o que dificulta o seu processo de desenvolvimento e aprendizado.

A importância do ensino de História nesse sentido, se dá para demonstrar aos estudantes que devemos analisar nosso passado e estudá-lo para compreender o presente, tendo a possibilidade de moldar um futuro melhor. Santos (2011) aponta que:

> [...] os conhecimentos de História são fundamentais para a construção da identidade coletiva a partir de um passado que os grupos sociais compartilham na memória socialmente construída. (PNC, p.12). Assim, a sala de aula deixa de ser um espaço democrático na medida que não atende a todos que se inserem nela deixando o aluno incluso muitas vezes de lado, longe do processo ensino/aprendizagem. (SANTOS, 2011, p. 216).

A História, no processo educativo, torna a Escola um local mais acolhedor, gerando respeito à diversidade; a História, aqui, é colocada como um instrumento para se alcançar a inclusão, pensamento crítico e gerar debates.

> [...] história, como disciplina e área de conhecimento, tem um papel central na sociedade contemporânea, sobretudo no desvelamento do silenciamento e ofuscação impostos aos indivíduos com deficiência, considerando que historicamente as experiências dos indivíduos com deficiência foram desconsideradas ou mesmo negadas pela escola denominada regular. A História, como teoria e prática, deve resgatar a história encoberta pelo preconceito desses indivíduos. Preconceito que revela mais do sujeito que discrimina do que do objeto alvo da discriminação. No que se refere à escolarização de educandos com deficiência ou com necessidades educacionais especiais, historicamente denominada educação especial, faz-se urgente refletir sobre sua relação teoria e prática, pois é possível afirmar que o conhecimento posto em prática no cotidiano escolar desses educandos, até então não foi suficiente para democratizar a escola, para torná-la acolhedora à diversidade." (COSTA, 2004, p. 2).

Dado o exposto, a História é uma ferramenta que é utilizada para incluir os estudantes com deficiência onde eles sempre deveriam estar, na sociedade. Como todas as pessoas possuem suas próprias histórias e experiências, antes de qualquer atividade, os alunos devem se conhecer e conhecer sua história; para tanto, a utilização de fotos da família e do local onde moram é o passo inicial para se iniciar o processo de inclusão e do auto reconhecimento da importância que esses alunos tem para a Escola e para a Sociedade.

Outro passado importante que o ensino de História pode dar para o processo de inclusão é a demonstração de que, no passado, havia inúmeras discriminações e preconceitos, alguns reverberando até hoje; agora, no presente, todos devemos lutar por uma sociedade mais justa e igualitária. Com isso, trabalha-se a questão da representatividade e da luta de direitos.

O ensino de História, conforme apresentado, possui diversas potencialidades para ser trabalhada com alunos com deficiência; dessa forma, esses alunos perceberão que, também, possuem uma história, que não estão sozinhos, compreendendo seu lugar de luta, seus direitos, sentindo-se mais à vontade para o seu processo de ensino-aprendizagem, na leitura, na escrita e na fala, além de sonharem com uma sociedade mais justa.

4. Proposta de atividade e Metodologia

A gamificação consiste em usar técnicas, estratégias e o design de games em outros contextos que não sejam necessariamente associadas aos jogos comuns em si. É trazer o jogo para a realidade e, com isso, impactar pontos como engajamento, produtividade, foco, determinação, socialização, autonomia, entre outros.

Por meio da gamificação, é possível fazer com que as aulas, que para alguns são entediantes, se tornem mais ativas e interessantes, aumentando a participação e, automaticamente, aprendendo sobre determinado assunto. Para Vygotsky (1984), a brincadeira, por meio dos jogos, estimula a criatividade, além do desenvolvimento da sua autonomia.

Os jogos são ferramentas que motivam e engajam seus usuários de modo que fiquem por horas em uma tarefa, com o fim de atingir um objetivo. Alguns dos princípios de aprendizagem que os jogos desenvolvem são: identidade, interação, produção, riscos, problemas, desafios e consolidação. Estas são algumas das possibilidades, que são explicadas no decorrer do trabalho, apresentadas nos games que propiciam o processo de aprendizagem de forma contextualizada, engajando os jogadores a interagir com o meio, com a situação e com outros indivíduos.

Dessa forma, a ideia de que o uso de games ou atividades gamificadas favorece o engajamento dos estudantes em atividades escolares tidas por eles como enfadonhas é inevitável, porque o uso dos games pode aproximar o processo de aprendizagem do estudante à sua própria realidade. Primeiramente, por estimular o cumprimento de tarefas para o avanço no curso com o objetivo de alcançar as recompensas e, segundo, por ser de fácil acessibilidade, tendo em vista que sua utilização pode ocorrer com celulares, tablets e computadores.

Nossa proposta de trabalho e atividade em sala de aula seria o emprego do aplicativo Kahoot! Além de responder as perguntas feitas pelo professor, os alunos possuem a possibilidade de criar perguntas que os colegas poderão responder, gerando interação, debate, diálogo, pensamento crítico e comunicação entre os alunos. O aplicativo é uma boa opção para a situação atual de pandemia, pois é um recurso gratuito.

5. Considerações finais

Os estudos aqui apresentados nos mostraram como os indivíduos com a patologia de Dupla Excepcionalidade, apresentam características únicas e particulares. Vimos que para ensino efetivo é necessário que a escola, os professores e as famílias destes alunos trabalhem em conjunto para obter bons resultados educacionais. Percebemos que a estimulação da criatividade e o respeito ao desenvolvimento do estudante é de suma importância.

Especialmente nesta realidade de pandemia, é importante manter os alunos motivados e interessados. Aqui, notamos o quão benéfico é a atividade de gamificação para os alunos com dupla excepcionalidade, estimulando sua criatividade e valorizando seu conhecimento, permitindo a interação com outros alunos e o processo de inclusão, de fato e na essência.

6. Referências

ALVES, Rauni Jandé Roama; NAKANO, Tatiana de Cássia. **A dupla-excepcionalidade**: relações entre altas habilidades/superdotação com a síndrome de Asperger, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e transtornos de aprendizagem. Rev. psicopedag., vol.32, no.99, São Paulo, 2015.

AZEVEDO, Sonia Maria Lourenço de; METTRAU, Marsyl Bulkool. **Altas Habilidades/Superdotação**: mitos e dilemas docentes na indicação para o atendimento. Psicol. cienc. prof. vol.30 no.1 Brasília 2010.

BAUM S. **Twice exceptional and special populations of gifted students**. California: Corwin Press; 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.392/96**. Brasilia: MEC, 2007.

COSTA, Valdelúcia Alves da. **Ensino de História e Educação Inclusiva**: suas dimensões formativas. IN: 5º Encontro Perspectivas do Ensino de História, 2004, Campinas. Anais do 5º Encontro Perspectivas do Ensino de História Campinas: Universidade de Campinas, 2004, p. 01-10.

ESPANHA. **Declaração De Salamanca**. Princípios, Políticas e Prática em Educação Especial. Espanha, 1994.

KLIN, Ami. **Autismo e síndrome de Asperger**: uma visão geral. Rev. Bras. Psiquiatr. vol.28 suppl.1 São Paulo May 2006.

NEIHART, M. **Gifted children with Asperger's Syndrome**. Gifted Child Quarterly, 44, 222-230, 2000

OUROFINO, V. T. A. T.; FLEITH, D. S. **Um estudo comparativo sobre a dupla excepcionalidade superdotação/hiperatividade**. Avaliação Psicológica, Campinas, v. 4, n. 2, p. 165-182, 2005.

PFEIFFER SI. **Serving the gifted**: evidence-based clinical and psychoeducational practice. New York: Routledge, 2015.

REZENDE, Daniela Vilarinho; FLEITH, Denise de Souza; ALENCAR, Eunice Maria Lima. **Desafios no diagnóstico de dupla excepcionalidade**: um estudo de caso. Rev. psicol. (Lima) vol.34 no.1 Lima jan./jun. 2016.

ROHDE, Luis Augusto; BARBOSA, Genário; TRAMONTINA, Silzá; POLANCYK, Guilherme. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade**. Rev. Bras. Psiquiatr. vol.22 s.2 São Paulo Dec. 2000.

SANTOS, Carla Márcia Pamphile dos. **O Ensino de História e o Processo de Inclusão Escolar**: o ensino de história a alunos inclusos na rede pública do Estado do Rio de Janeiro. IN: V Congresso Internacional de História, 2011, Maringá. Anais do V Congresso Internacional de História. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2011, p. 2168-2177.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 8ned. Campinas, SP: Autores associados, 2003.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. Martins Fontes: São Paulo, 1984.

Recebido em DEZEMBRO 2020

Aprovado em DEZEMBRO 2020